

Léa Tiriba

PALESTRA BRASÍLIA – 22/11/05

PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL

Título - Escola: espaço de vivência do que é bom, alegre e, frente à vida, nos faz mais potentes.

A Diretoria de Políticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental me convidou para participar desta homenagem aos educadores que receberam o Prêmio Professores do Brasil. Estou muito orgulhosa de estar aqui, entre profissionais que apostam na escola como espaço de recriação da vida. É disto que pretendo falar, do sonho de uma escola que seja, sobretudo, espaço de acolhida e pertencimento, de experimentação e criatividade.

As escolas são espaços onde as crianças passam, diariamente, sistematicamente, muitas horas diárias, por longos períodos de sua vida, justo os primeiros de sua existência. Nas instituições de Educação convivem mulheres mães e educadoras, pais, famílias, irmãos, vizinhos... Num contexto de tantas interações humanas, as instituições são lugar da diversidade, de encontro/confronto de infinitas formas de sentir e de viver a vida. É neste espaço que ela, cotidianamente é produzida. É aí que as pessoas, no dia-a-dia, podem fazê-la mais penosa ou leve, aí que a tristeza e a alegria são, todos os dias, experienciadas, vividas.

Inspirada em Espinosa - filósofo que viveu na Europa do século XVII - penso nas instituições de Educação Infantil e de Ensino Fundamental como espaços de aprender a viver o que *é bom* e a evitar o que *é mau*. Isto é, ao invés de me referenciar num conceito transcendente de Bem e Mal, busco uma Ética que tenha como referência o que convém a nossa natureza e o que não convém.

Deleuze, escrevendo sobre a Ética de Espinosa, explica que, na visão do filósofo do século XVII,

“O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e, com toda ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. Por exemplo, um

alimento. O mau para nós existe quando um corpo decompõe a relação do nosso, ainda que se componha com as nossas partes, mas sob outras relações que aquelas que correspondem à nossa essência: por exemplo, um veneno que decompõe o sangue.” (Deleuze, 2002, p.28)

Pois bem, se somos capazes de produzir história e cultura, como produzir um cotidiano que se pautela pela vivência do que é bom, alegre e, frente à vida, nos faz mais potentes? Como favorecer encontros que compõem? E como evitar os maus encontros, que decompõem, produzem tristezas? Se estas são sempre a expressão da nossa impotência, como trabalhar no sentido de um cotidiano em que, diria Espinosa, as paixões alegres se sobreponham às paixões tristes?

No ambiente das creches e escolas temos, todos os dias, a oportunidade de oferecer ambientes, sensações, interações que contribuam para a formação de dois modos de existência: um que é bom, que potencializa a existência; outro que é mau, que faz sofrer, que enfraquece. Nesta perspectiva, o desafio de cumprir o que a lei define como direito das crianças - explicitado na Constituição Brasileira, e, posteriormente, na LDB – implica no oferecimento de creches e escolas que contribuam para gerar potência. Neste sentido, as formas de organização das rotinas, os modos de relação entre adultos e crianças precisam estar pautados em uma ética que seja

“(…) necessariamente uma ética da alegria: somente a alegria é válida, só a alegria permanece e nos aproxima da ação e da beatitude da ação. A paixão triste é sempre impotência. (Deleuze, 2002:34)

Um caminho de favorecer bons encontros é o de possibilitar o contato permanente com o mundo natural, tempo e espaços para brincadeiras ao ar livre. Entretanto, é evidente a distância da realidade em relação a este movimento a favor do prazer, da potência. Pois, a verdade é que as crianças passam muito tempo em espaços fechados. E, aprisionadas, elas vão sendo despotencializadas, adormecidas em sua curiosidade, em sua exuberância humana. Como diria Foucault (1987), seus corpos vão sendo docilizados. Sua subjetividade vai sendo modelada.

Esta situação corresponde, no plano macropolítico, a um quadro sócio-ambiental em que a natureza vai sendo também destruída. Este duplo e simultâneo processo de degradação vai fazendo da Terra um planeta inóspito, inadequado para a vida das espécies que hoje o habitam. E, das instituições educacionais, espaços de aprisionamento, de impotência.

Precisamos, então, nos perguntar: como investir na produção de um cotidiano que se estruture na contramão de uma tendência dominante que é destrutiva? Como abrir brechas no que é dominante a fim de qualificar as relações dos humanos consigo mesmos, com os outros e com a Natureza? Como, no dia-a-dia, contribuir para que a Terra siga abrigando a Vida em sua força e beleza?

Estas são perguntas que me faço desde que me tornei professora, desde que, há 30 anos atrás, li, pela primeira vez, os livros do mestre Paulo Freire. De lá para cá, posso dizer que o tempo desfez ilusões, mas afirmou os princípios de uma educação como prática da liberdade.

Mais do que nunca, a solução para os desafios locais e planetários que estão colocados para as novas gerações exigem condições de liberdade, e não de opressão¹. Exigem que os povos pesquisem, em suas tradições, modos de pensar, de sentir e agir que estejam comprometidos com o respeito à diversidade ambiental e cultural, que nos aproximem de uma postura mais equilibrada nas relações de cada um consigo mesmo, com os outros seres humanos e com a natureza.(Guattari, 1990)

As propostas curriculares atuais, assim como as práticas pedagógicas cotidianas devem estar orientadas para estes objetivos porque ao longo e através da vida das novas gerações a humanidade poderá repensar e reconstruir novos estilos de viver e novos modelos de desenvolvimento.

¹ David Orr, educador norte-americano, sintetiza os desafios: caberá às crianças de hoje a tarefa de encontrar soluções para os problemas causados por duzentos anos de industrialização. Caberá a elas as tarefas de controlar a emissão de gases tóxicos e eliminar a poluição, administrar os recursos não renováveis, utilizar melhor a energia, conservar o solo e proteger a diversidade biológica. E também estabilizar a população do planeta sem ferir a necessidade humana de procriar, encontrando soluções para as desigualdades sociais e animosidades raciais. (ORR, 1985)

Uma educação como prática da liberdade não está restrita aos processos de ensino-aprendizagem, processos de simples transmissão-apropriação dos conhecimentos, mas com o desenvolvimento pleno da pessoa e dos grupos humanos.

Como prática de liberdade, a educação tem um sentido amplo: é, sobretudo, o processo de aprendizagem de uma ética atenta à integridade de cada um dos seres humanos, que respeita o direito de todos a uma existência digna, que valoriza o princípio da auto determinação dos povos. Enfim, uma ética que considera a infinidade de espécies que conosco compartilham a existência sobre a Terra, que tem compromissos com a preservação do planeta para os que virão depois de nós.

Que lugar tem o conhecimento na escola dos nossos sonhos?

Uma educação como prática da liberdade está comprometida com a apropriação e a construção de conhecimentos porque os conhecimentos são a matéria prima sem a qual é impossível preservar a vida na Terra; sem a qual não se pode participar do processo permanente de criação e recriação da existência.

Todas as crianças precisam ter acesso aos conhecimentos que a humanidade vem produzindo porque eles são instrumentos, ferramentas de transformação da realidade emocional, social e ambiental em que estamos inseridos.

O conhecimento, portanto não é algo pronto, que passa dos livros e da cabeça dos professores para a cabeça dos alunos: é construção permanente, histórica, é produção coletiva, social.

Outra questão: uma educação que seja prática da liberdade estará direcionada pelas necessidades infantis e não apenas pela necessidade dos adultos. Isto significa, na prática, oferecer às crianças um cotidiano em que sejam respeitadas como cidadãs de direito, mas também como sujeitos de afeto, de sensibilidade, de conhecimento. Isto implica em assumir a educação das crianças em todas as suas dimensões: corporais, emocionais, cognitivas, espirituais, sociais. Isto requer proximidade dos adultos em relação às crianças, escuta,

observação atenta as suas atividades espontâneas, participação em suas brincadeiras.]

A efetivação deste direito exige uma atitude de cuidado a pessoas que são ativas, que são únicas. Elas não serão cidadãs no futuro, porque já são cidadãs hoje; interferem em sua realidade familiar desde quando estão, ainda, no útero materno; redefinem hábitos e compromissos familiares; têm sobre si o olho da mídia, que, espertamente, as descobriu como 'presas fáceis' do mercado de consumo. Quem poderá negar que já são alguém hoje, que fazem história, quem poderá negar que são produtoras de cultura?

O compromisso daqueles que pretendem educá-las é, portanto, com o presente: com o seu poder de imaginar, criar, fantasiar; com o que fazem, sentem e aprendem hoje!

As crianças não são todas iguais, pelo contrário, são a expressão e trazem consigo a diversidade da vida como ela é: são meninos e meninas imersos numa cultura em que imperam relações de gênero patriarcais; são herdeiros de distintas etnias, culturas e classes sociais.

E vale lembrar: se, na diferença, está a nossa riqueza, é preciso tomar esta diversidade como referência, como ponto de partida e de chegada do processo de construção de conhecimentos, valores e afetos. A diversidade é, portanto, a referência fundamental para o planejamento do trabalho, para a organização dos espaços, das rotinas... Neste sentido, não há um modelo de escola, não há um padrão.

A crianças são pessoas inteiras, unidades de corpo-espírito-razão-emoção. É a partir deste pressuposto que vamos pensar a sua educação, lembrando que não nasceram para a escola, mas para o mundo. A escola é um pedaço do mundo. Pedaço pequeno - a realidade é maior! – mas grande, ao mesmo tempo, porque é aí que elas passam a maior parte de suas infâncias. Quatro, cinco, seis, nove horas diárias, às vezes, mais! Para quem tem entre 0 a 10 anos, o que resta de tempo em cada dia? Se é na escola que a maior parte da vida transcorre, é preciso que aí elas se sintam muito bem, que aí sejam felizes...o fundamental é a satisfação de necessidades humanas universais.

Mas, se diferenças de cultura, de etnia, de classe e de sexo são a tônica, é possível definir necessidades comuns a todas as crianças? Na visão do economista chileno Manfred Max-Neff (1998), há nove necessidades humanas que são universais: a subsistência, a proteção, o afeto, o entendimento, a participação, o ócio/tempo livre, a criação, a identidade e a liberdade. O que varia, o que muda, de acordo com os costumes dos povos em cada tempo, é a maneira de satisfazer as necessidades. Nesta perspectiva, as tradições culturais de cada grupo social ou comunidade é que dão respostas singulares à pergunta sobre como satisfazer as necessidades de suas crianças.

Ao propormos um atendimento escolar não podemos considerar apenas as suas necessidades físicas, ou apenas as intelectuais. As múltiplas dimensões da existência humana envolvem necessidades que são satisfeitas em atividades de ouvir histórias, manusear livros, brincar, pintar, desenhar, fazer teatro, ter contato com a natureza, fazer leituras e escrituras de mundo... Enfim, viver experiências significativas, que contribuam para manter vivo o seu espírito de pesquisa e que alimentem a sua humanidade.

Uma educação como prática da liberdade busca qualificar as relações de cada ser humano consigo mesmo (ecologia pessoal)²; as relações dos seres humanos entre si (ecologia social) e as relações dos seres humanos com a natureza (ecologia ambiental): esta é uma proposta comprometida com a qualidade de vida no planeta e, simultaneamente, com a qualidade de vida no cotidiano da própria escola.

Muitas outras referências podem orientar a organização e as práticas educacionais das creches, pré-escolas e escolas. Sejam quais forem, o importante é que privilegiem os espaços de convívio, favoreçam as relações com a natureza e incentivem as trocas humanas através da narrativa, da expressão corporal, da brincadeira, da produção artística... enfim, das muitas linguagens que, na faixa de 0 a 10 anos, predominam sobre a verbal.

² Sem ferir o conceito de ecologia mental formulado por Félix Guattari (1990), prefiro utilizar a expressão ecologia pessoal, por ser mais ampla, por abranger campos que vão além do psíquico.

Uma educação como prática da liberdade busca oferecer instalações adequadas à saúde e bem estar das crianças e adultos, lembrando que o ambiente nunca é definido apenas por seu componente físico, mas pelos afetos, pelas emoções, pela energia que o humaniza.

Uma educação como prática da liberdade inclui as crianças nas decisões sobre organização do espaço e decoração dos ambientes: se elas crescem e modificam suas possibilidades e interesses, também o espaço da escola deverá refletir esta mudança.

Uma educação como prática da liberdade assegura cuidados essenciais porque, desde o nascimento até à morte, não há ser humano sem cuidado. Ele está na raiz primeira do ser humano, é anterior e acompanha todas as suas ações. No cuidado estão enraizados o querer e o desejar, as dimensões intelectual e afetiva(Boff, 1999).

Mas como ter cuidado e aprender a cuidar numa sociedade que não cuida da natureza, das outras espécies, nem da própria espécie, que destrói em função dos objetivos do capital? Na sociedade moderna, em que a troca mercantil permeia todas as relações sociais, os próprios interesses são colocados em primeiro plano e dificultam a percepção e a preocupação com as necessidades do(s) outro(s).

Quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas receptivo, aberto, atento e sensível para poder perceber o que o outro pode precisar. Para cuidar é necessário um conhecimento daquele que necessita cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega. Por isto, cuidar é necessariamente uma atividade relacional. É uma ação/atividade que afeta tanto quem cuida quanto quem está sendo cuidado.

Diante deste conjunto de questões é preciso atenção para o fato de que as crianças são os novos membros de uma espécie que se renova há milhões de anos sobre a Terra. Desde a creche, é dos adultos a responsabilidade de ajudá-las a se constituírem como geração a quem caberá instituir novos modelos de desenvolvimento que preservem a natureza.

Assim, é preciso lembrar: ninguém pode amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. É necessário, portanto, realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, panos de fundo, matéria-prima para a maior parte das atividades.

É necessário cuidarmos da ecologia pessoal. Precisaremos buscar, uma nova estrutura de funcionamento que respeite ritmos fisiológicos, que permita à criança aprender a identificar e a respeitar as vontades de seu corpo. Isto implica em assegurar espaços e tempos de movimentação livre, relaxamento, atenção à respiração, à alimentação e cuidados com a postura. Isto implica em redimensionar a importância dos espaços fechados das salas de aula e dos materiais industrializados e ampliar o tempo de contato cotidiano e íntimo com a natureza, de tal maneira que seja percebida e respeitada como fonte fundamental de vida e de energia (Gouvea e Tiriba (1998).

Precisamos rejeitar práticas de trabalho que reproduzem o divórcio entre corpo e mente, hipervalorizam o intelecto e desqualificam as necessidades do corpo. Isto é, precisamos organizar rotinas de sono, alimentação e controle de fezes e urina, assim como processos de inserção e acolhimento de crianças, que repercutam positivamente em sua ecologia pessoal.

Precisamos cuidar também da ecologia social. Para isto, é fundamental ensinar as crianças a se constituírem como grupo. Na sociedade capitalista, a escola nos ensina a ser “eu”, mas não ensina a sermos “nós”. Para aprendermos a ser um coletivo, é necessário, todos os dias, compartilhar alimentos, música, projetos. Precisamos viver encontros festivos, favorecedores de amizade, companheirismo e solidariedade.

Finalmente, é preciso dizer que tudo isto só será possível se houver um projeto de formação de educadores. É através da formação permanente dos profissionais que atuam junto às crianças que será possível assegurar a qualidade do trabalho que se realiza nas escolas. Só haverá educação de qualidade para as crianças se os adultos também crescerem como seres humanos. Se desejamos

educar crianças que sejam íntegras, criativas, inteligentes e solidárias, precisamos de um projeto de formação que busque o mesmo entre seus educadores.

Bibliografia

ESPINOSA, Baruch de. "A Ética". São Paulo, Abril Cultural, 1983.

FREINET, E. "O Itinerário de Celestin Freinet". RJ. Francisco Alves, 1979.

FREIRE, Paulo. "Educação como prática da liberdade". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

_____. "Pedagogia do Oprimido". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

BOFF, Leonardo. "Saber cuidar: Ética do Humano, Compaixão pela Terra". Petrópolis, Vozes, 1999.

DELEUZE, Gilles. "Espinosa – Filosofia Prática. São Paulo, Escuta, 2002.

FOUCAULT, Michel. "Vigiar e Punir". Petrópolis, Vozes, 1987.

GOUVEA, Maria José e TIRIBA, Léa (orgs).: "Educação infantil - um projeto de reconstrução coletiva". Rio de Janeiro, SESC/ARRJ, 1998.

GUATTARI, F.: "As três ecologias". Campinas, Ed. Papyrus, 1990.

MAX-NEFF, Manfred: "Desarrollo a escala humana: conceitos, aplicações e algumas reflexões". Barcelona, Icaria Editorial, 1998.

ORR, David. "Escolas para o Século XXI". In Revista da TAPS/ Associação Brasileira de Tecnologias Alternativas e Promoção da Saúde, nº 16. São Paulo, TAPS, 1995.

TIRIBA, Léa. "Criança, meio ambiente e cidadania". In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. INEP, Brasília, nº176, jan-abril 1995, p.35-50

TIRIBA, Léa. "Crianças, Natureza e Educação Infantil. Rio de Janeiro, PUC-Rio, Tese de Doutorado, 2005.